

# Variações sobre um tema de Antonino Ferro: Alfabetizar as emoções<sup>1</sup>

Leopold Nosek<sup>2</sup>

*“So all my best is dressing old words new”*

Shakespeare, Soneto 76

**Resumo:** Neste artigo, me proponho a analisar o avanço da psicanálise à luz do movimento grupal, em sociedade, que faz com que o conhecimento avance. É no diálogo que ampliamos o repertório expressivo e, como numa escalada, aumentamos nosso raio de visão e vemos mais longe o que não conhecemos. Ao nos depararmos com indagações tais como: Como aprendemos psicanálise? Como chegamos a um autor? Quem nos fala ao íntimo? Como nos fala? Como o transformamos ao nos aproximar dele? Como nosso patrimônio se modifica com esse contato?, temos como resposta que o isolamento nos torna estéreis, embora constata-se também que a alteridade é inatingível. Para tanto, trago neste trabalho como que uma homenagem a Antonino Ferro, velho participante de meus diálogos íntimos, e uma comemoração de seu trabalho. Ferro está entre aqueles que nos proporcionam essa ocasião, de troca e aprendizado. É um autor que nos traz novas narrativas analíticas. Tomando como pano de fundo conceitual sua ideia de alfabetizar as emoções e articulando-a com reflexões que venho desenvolvendo nos últimos anos, discutirei aspectos da coabitação da tradição, do hábito e do novo e algumas de suas implicações na nossa prática cotidiana de acolher a alteridade.

**Palavras-chave:** Função Alfa; construções; elaboração onírica; representações; sonhos.

## Introdução

Como aprendemos psicanálise? Como chegamos a um autor? Quem nos fala ao íntimo? Como nos fala? Como o transformamos ao nos aproximar dele? Como nosso patrimônio se modifica com esse contato? Dialoga-se e, assim, caminha a psicanálise há mais de um século. Isolados, somos estéreis, mas, por outro lado, a alteridade é

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em inglês na revista *Psychoanalytic Inquiry*, 35: 526-554, 2014. Tradução do autor.

<sup>2</sup> Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBPSP e docente do Instituto de Psicanálise Durval Marcondes da SBPSP. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo - SBP-SP e da Federação Psicanalítica da América Latina - FEPAL.

inatingível. Que alternativas então nos permitem conversar? De vez em quando nos mostramos férteis e algo novo surge. A grande nova bíblica se reapresenta: nasce o verbo num testamento ou nasce uma criança em outro, um novo acordo com a natureza se estabelece. Vivemos das narrativas que são continuidade desse gesto primordial. Assim são os testamentos bíblicos, o rap helênico de Homero, o jorro de Santo Agostinho, de Shakespeare, de Freud e de tantos outros.

Tomando como pano de fundo conceitual a ideia de Antonino Ferro de alfabetizar as emoções e articulando-a com reflexões que venho desenvolvendo nos últimos anos, discutirei aspectos da coabitação da tradição, do hábito e do novo (entre os quais estará o processo de contínua reonirização que pode alcançar nossos esforços teóricos, nossa existência e os próprios sonhos) e algumas de suas implicações na nossa prática cotidiana de acolher a alteridade. O trabalho de Leonilson [1957-1993], artista brasileiro que logrou criar uma linguagem visceralmente pessoal, permitirá sugerir a possibilidade de que o registro plástico de estados protoemotivos seja visto como representação conceitual. O modelo musical do tema e variações será adotado como organizador formal do texto.

\*\*\*

Cada autor que comparece nesta publicação vem de um meio sociocultural específico e tem uma história própria com a psicanálise, seja no plano pessoal, seja como trajeto teórico e clínico. Todos nós aprendemos a tomar cada experiência clínica como única, a ver cada paciente como singular, a considerar que toda sessão é impossível de ser repetida e praticamente impossível de ser relatada. Ainda assim, corremos o risco da teorização, e aqui, como sempre, reapresenta-se para mim um velho dilema que, na psicanálise, se radicaliza: de que maneira conciliar o singular — o único que tem existência concreta — e o universal — condição para que possa existir conhecimento e ciência?

Assistimos a conferências, lemos livros e periódicos especializados, fazemos seminários teóricos e clínicos, mas, desde a origem, afirmamos que nosso modo preferencial de transmitir o conhecimento psicanalítico vem da experiência única de uma análise pessoal, a qual, inevitavelmente, terá a cor de seus dois participantes e do lugar histórico onde se desenvolverá. Inevitavelmente, uma dinâmica se instala, abrangendo inclusive esta experiência de extrema singularidade que é o balanço entre a tradição e o novo. Como tantos outros psicanalistas, identifico-me com a fala singular e pessoal de Ferro e, tal como Gail S. Reed, Steven Goldberg, Virginia Ungar e Howard B. Levine, faço uma apropriação singular dessa fala. Nesse diálogo, nesse movimento grupal, em sociedade, o conhecimento avança. Não capturamos o conhecimento, mas ampliamos o repertório expressivo. Como numa escalada, aumentamos nosso raio de visão e também vemos mais longe o que não conhecemos. Não preenchemos lacunas, ganhamos altura.

Criamos novas histórias e fazemos sucessivas releituras de velhos relatos. Não agindo assim, tendemos a nos paralisar na segurança de narrativas dogmáticas.

Ferro, é óbvio, considera que sua obra está em permanente movimento e comenta que jamais pretenderia criar escola, ou seja, jamais pretenderia que seu pensamento se tornasse algo fixo e fosse adotado como guia para outro pensamento. Compreendo esse comentário como um alerta e, por compartilhar dele, tentarei manter uma voz própria, esperando, é certo, que esse dialeto mostre afinidades importantes com os autores em que se apoiará esta reflexão. Afinal, não se trata nunca de mimetizar um mestre, seja ele Freud, Bion, Ferro ou qualquer outro. É preciso tentar dar uma forma pessoal ao pensamento que nos inspira. Além do quê, parece que felizmente já vai longe o tempo em que escolas de pensamento se digladiavam pela posse de uma suposta verdade psicanalítica.

Recentemente, num encontro sobre a obra de Bion no Marrocos [Marrakech 2013], ocorreu-me que haveria pelo menos três modos de se aproximar de sua obra. O primeiro, associado sobretudo aos analistas ingleses presentes ao encontro, privilegiaria o trabalho com os conceitos de identificação projetiva e de relação continente-contido; nesses moldes, Bion seria considerado um autor da chamada vertente pós-kleiniana. Haveria um modo francês, com forte ênfase em aspectos pulsionais e com abordagem que levaria em conta mais explicitamente aspectos da sexualidade. Por fim, um terceiro modo privilegiaria o trabalho clínico focado na teoria das transformações e na obra de um Bion tardio. Obviamente, tudo isso é muito simplificado e reducionista, mas aqui serve como contraste em relação ao modo com que, segundo penso, Bion é compreendido por Antonino Ferro.

A leitura de Bion feita por Ferro carrega um matiz não somente italiano, mas, digamos, siciliano. Região ensolarada, sujeita desde sempre a múltiplas invasões e influências, a Sicília as recebe e as transforma conforme a atmosfera local. O Bion de Ferro é ensolarado e, ao voltar, agora já como obra específica de Ferro, para os leitores de fora daquele meio, sofrerá uma nova transformação, sob o influxo dessa outra atmosfera local. Assim, será também com os diferentes autores deste livro. Terry Eagleton (2010), o importante crítico literário inglês, diz que onde outros povos têm a sexualidade os ingleses têm o senso comum. Vejamos aí apenas uma boutade, um chiste, mas tenhamos sempre em mente os traços culturais que são peculiares a cada meio onde se pratica a psicanálise e a cada um de nós que a pratica. As mudanças virão do intercâmbio dessas experiências de extrema singularidade, num lento movimento que depurará alguns universais provisórios. Aqui, portanto, à parte ser estimulado por Ferro, Levine, Ungar, Reed e Goldberg, o dialeto em que tentarei me expressar terá um inevitável matiz latino-americano, isto é, refletirá os tons de uma região que também se moldou por múltiplas “invasões” e que carrega as vantagens e as desvantagens dessa

miscigenação, desse sincretismo, desse peculiar ecumenismo. Além do quê, diz-se que viver em São Paulo é viver na maior cidade italiana do mundo.

### ***História de uma aproximação singular***

Conheci Antonino Ferro no início da década de 90, quando nós o recebemos pela primeira vez na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo [SBPSP]. Sua liberdade, sua criatividade e sua simpatia conquistaram a todos, e suas ideias foram acolhidas como se viessem ao encontro de algo que maturava em nosso meio.

A vinda de Ferro foi precedida pela presença de Bion, que, como se sabe, visitou-nos com frequência. Tive a oportunidade de assistir às conferências que ele fez durante sua última visita a São Paulo, em 1973. Estando ainda no primeiro ano da formação, muito do que Bion dizia escapava ao meu entendimento, mas não havia como não notar o respeito quase reverencial que inspirava. A SBPSP, que crescera sob a hegemonia das ideias freudianas na década de 40, passara na década seguinte a ter forte influência das ideias kleinianas, que acabariam por se estabelecer praticamente como dogmas. A primeira visita de Bion, em meados da década de 60, transfigurou esse quadro com um sopro genuíno de liberdade e criação e, anos depois, teríamos a medida do impacto causado por suas ideias e sua presença: seu pensamento se tornaria hegemônico entre nós. Naturalmente, isso não significa que não houvesse lugar para as ideias de Klein, consideradas precursoras das concepções de Bion. Freud, por sua vez, era como que uma pré-história da psicanálise. Um novo dogmatismo se estruturava, como sempre tende a ocorrer. No final dos anos 80, viria uma reação, havendo uma mudança na grade curricular do Instituto e como que um retorno ao estudo de Freud.

Iniciadas nessa época, as várias visitas de Antonino Ferro nos trariam uma leitura livre e criativa de Bion, que se mantém como um autor essencial em nosso meio, hoje que já comemoramos o cinquentenário de sua primeira vinda a São Paulo. Freud, por sua vez, recuperara o peso e a atualidade de sua presença fundadora, ainda que — não custa lembrar — não pudesse ser lido como se fazia nos primeiros tempos. Inevitavelmente, nós o líamos já tendo lido Klein, Winnicott, Bion, Ferro, Green, Lacan e tantos outros, para citar apenas referências psicanalíticas. É outro o momento histórico, as ideologias são outras, o modo de pensar a ciência e o mundo se faz a partir de outras premissas, vivemos de forma diferente.

### ***Leituras da psicanálise***

Observa-se que, desde os escritos de Money-Kyrle, criou-se o hábito de contar a história da psicanálise identificando nela períodos de paradigmas clínicos e teóricos referidos à obra de Freud, depois à obra de Melanie Klein e, correspondendo ao apogeu

ou à plena maturidade, à obra de Bion. Assim, Money-Kyrle (1996b), já com 70 anos, dizia, em “Desenvolvimento cognitivo” [1968], que iniciara o exercício da clínica sob orientação do pensamento freudiano, o que implicava tratar o paciente como sofrendo de distúrbios sexuais responsáveis por conflitos que se moldavam sob o peso da crítica do superego. Anos depois, já sob a égide do desenvolvimento kleiniano, via o superego como mais precoce; sofrendo devido a um conflito moral inconsciente, o paciente era assolado pelo sadismo superegoico, o qual era abordado numa tentativa de atenuação e de recuperação amorosa. Posteriormente, enfim, sob a influência das ideias de Bion, chegara à abordagem clínica em que tanto os sofrimentos sexuais do paciente como a violência superegoica decorriam de *misconceptions* inconscientes e *delusions*.

Money-Kyrle (1996a) é um autor muito interessante, inclusive pela longevidade — o horizonte de seus escritos vai de 1927 a 1978 —, mas sua versão da história coloca vários problemas. Para a finalidade desta reflexão, dois deles podem ser destacados. O primeiro se refere à ideia de verdade e de mentira. Haveria o engano e a realidade, ou a defesa e a realidade. A construção metafórica, nesse contexto, passa a ser uma figura de linguagem que abrigaria em seu interior a verdade a ser revelada pela interpretação do analista. Lidar com o par conceitual verdade/mentira exigiria do analista uma sólida formação epistemológica e filosófica, o que raramente era o caso. Além disso, esse par caracterizaria uma enorme vulnerabilidade da teoria analítica no confronto com outras áreas do conhecimento, desencadeando boa parte das críticas dirigidas à psicanálise nos meios culturais e científicos. Para um psicanalista, nada mais fácil do que se apresentar como portador da verdade, tanto na situação clínica como no diálogo com outras disciplinas. Todos nós já testemunhamos debates em que a discordância foi soterrada debaixo de alegações de resistência do interlocutor ou nos quais a conversa se encerrou com a afirmação de que o oponente necessitava de mais análise.

O segundo problema a destacar é o reducionismo dogmático a que foram submetidos autores como Freud e Klein, cuja obra se tornava linear e era enquadrada num conjunto de interpretações unívocas. Em termos psicanalíticos, era como se lêssemos os autores apenas com o consciente, depurando os conceitos e capturando os textos à luz de uma verdade predeterminada por essa ou aquela interpretação. De um ângulo epistemológico, tratava-se da captura da psicanálise pelo positivismo, corrente filosófica absolutamente antagônica ao nosso saber. Nossa filiação é outra, nascemos nas águas da poesia e da ética, como tentarei abordar adiante. De todo modo, na Introdução às Conferências [1916] Freud já havia dito que deveríamos nos aproximar de seus textos com atenção flutuante e se desculpava por tratar o leitor como a um neurótico em quem os conceitos por ele desenvolvidos provocariam resistência.

Em acréscimo, lembremos que cada época lê os gregos ou qualquer clássico de uma maneira determinada. Um mesmo texto sempre permite inúmeras leituras, e essas são marcadas pelo tempo histórico em que ocorrem. Na psicanálise, essa situação

se radicaliza: todos nós temos a experiência de estranhar as anotações que fizemos à margem de um texto freudiano na semana anterior, nossas releituras se tingem sempre de novas associações e imagens e costumamos ser acometidos por curiosos esquecimentos do que lemos. Inevitavelmente, lemos com as entranhas expostas, com o inconsciente presente, o que nos diferencia de forma radical dos leitores de outras áreas do conhecimento.

Aliás, a partir de Freud, toda a história dos conceitos nas ciências e na filosofia poderia ser revista. Gosto de dizer que a psicanálise em si é uma crítica ao iluminismo e que constitui uma peculiar ciência que se desenvolve no escuro, no território dos sonhos. Sabemos como caminhamos contra o senso comum. Também por esse motivo é muito discutível a posição de Donald Meltzer (1989) segundo a qual a teoria freudiana seria como que a pré-história de uma psicanálise científica. Meltzer chega a afirmar que a concepção freudiana é mecânica, algo como uma hidrodinâmica das forças psíquicas.

O problema é que tais periodizações apresentam a psicanálise como um caminho sempre ascendente que levaria inescapavelmente a pontos de chegada místicos de apreensão da verdade, expressão de moléstia que, com alguma frequência, acomete os analistas. Os fundamentos greco-judaicos de nossa cultura permitem dizer que estamos aí em pleno mundo de Santo Agostinho, um mundo em que a ideia de sublimação como dessexualização em favor de objetivos mais elevados da cultura encontrará terreno fértil. O caminho do desenvolvimento analítico seria uma ascese permanente. E, à semelhança de objetos mercantis, as teorias se tornariam rapidamente obsoletas e se partiria sempre em busca da última novidade, produto de fácil aceitação no mercado dos nossos congressos.

Fábio Herrmann [1944-2006], autor querido em São Paulo, dizia que o melhor autor psicanalítico era Freud, que o segundo também e que o terceiro igualmente, cada um deles sendo uma legítima versão do mesmo Freud. Em quarto lugar, viria Klein e em quinto, de novo, outro Freud. Em sexto lugar, outra Klein, vindo depois alguns Bions e assim sucessivamente, numa sequência teoricamente infundável.

E como não lembrar, ao ler o comentário de Antonino Ferro, que Freud, a propósito do caso Dora, disse que um caso clínico deveria poder ser escrito ou lido como um “romance de mistério”? Numa versão possível para pôr em prática a sugestão, receberemos nosso paciente — que se apresenta a nós cheio de culpa, na certeza de ser criminoso, como num romance policial — e investigaremos o crime perpetrado. Teremos desde o início o criminoso, preso e condenado; falta-nos apenas descobrir o que ele fez de errado. Saberemos, pela teoria, se estamos diante da tragédia edípica, mas cada um de nós a reescreverá em seus próprios termos e a seguirá em inúmeras representações que serão únicas a cada noite. Podemos ler Moisés e o monoteísmo, Totem e tabu ou O mal-estar na civilização desse mesmo modo, como grandiosas realizações alegóricas

da generalização do drama individual, isso na melhor tradição da alegoria tal como concebida por Walter Benjamin (1984). Creio que é nessa tradição que se insere o texto de Antonino Ferro. Pelo menos, é assim o Antonino Ferro que eu leio. Benjamin (1987) nos falou dos soldados traumatizados que voltavam da guerra sem uma história para contar. Sem história para contar, também não haverá um caso amoroso. Assim são as sessões que Ferro compartilha conosco: situações que necessitarão de narradores para criar as histórias que as expressem.

Quando lemos um clássico, lemos à luz da contemporaneidade. Lemos Freud em um cenário desenhado por Bion, Green, Ferro e tantos outros. Do mesmo modo, lemos os contemporâneos a partir da herança dos gigantes do passado. Conforme Steiner, citando Jorge Luis Borges, hoje a Odisseia de Homero seria posterior ao Ulisses de Joyce. Lemos os autores recriando narrativas coerentes com nossa história e nosso momento. Quando alguém sonha um sonho compartilhado pelo grupo, temos um autor. Ele nos convidará a ampliar nosso repertório. Proporará uma abstração que dará conta de um conjunto de experiências comuns aos leitores. Um esboço de linguagem comunicável nascerá e nossa disciplina dará mais um modesto passo. Seremos como soldados que, voltando do campo de batalha, teremos encontrado alguém que nos ajudou a tecer nossas narrativas. Assim, enriquecidos, agradecemos.

### 1ª. Variação: *São tantas as verdades*



Foto: Edouard Traipont / © Projeto Leonilson

*São tantas as verdades* [So many are the truths]  
1988, acrylic and stones on canvas, 213 x 106 cm

Originalmente, a proposta editorial deste texto era oferecer uma visão geral dos artigos de Reed, Goldberg, Ungar e Levine, bem como dos comentários de Ferro sobre eles. Contudo, me vi paralisado quando comecei a refletir sobre o que escreveria a partir desse estímulo. Cada texto inspirava caminhos diferentes e, a cada tentativa de pôr as ideias no papel, vinham outras associações que levavam a outros começos e a outros desenvolvimentos. O que escolher, se a cada dia novas percepções e novas questões ganhavam o primeiro plano? Mesmo quando eu me fixava em algo que se ligava diretamente ao meu próprio modo de pensar, diferentes possibilidades de trajeto surgiam a toda hora. Numa tentativa de usar o impasse a meu favor, aceitei o fracasso e resolvi me render às associações que os textos me propunham no instante em que escrevia. A opção pelo modelo do tema e variações afastaria a veleidade de tentar abarcar a totalidade dos pensamentos em questão. Ficava claro, ao mesmo tempo, que essa ambição de síntese estava no centro da minha paralisia.

Do patrimônio de referências de Ferro com o qual eu estava familiarizado, fixei-me na leitura que ele faz de Bion — isenta de tonalidades místicas, criativa na abordagem, rica em novas metáforas e associações — e, no interior dessa leitura, a ideia de alfabetização das emoções. Ferro consegue, como numa centelha, iluminar todo um campo da teoria e da prática clínica. Numa condensação muito feliz, chama os leitores de Bion para uma associação dos conceitos de elementos e função beta na passagem para elementos alfa mediante a função alfa. Num lance de olhos, “vemos” que a cena analítica tem dois participantes, os quais, nesse momento único, em virtude de seu encontro, mobilizam pulsões que precisarão ser ligadas a representações para que seja possível construir pensamento.

A função de estabelecer ligações será o foco das interrogações aqui. Quando descortinamos o campo psicanalítico onde esse evento ocorre, podemos começar a especular se faz sentido dividir a teoria freudiana em dois grupos teóricos distintos: a psicanálise subsidiária de uma teoria pulsional e a subsidiária de uma teoria de relações de objeto. Como pensar a pulsão sem uma estrutura objetual que lhe sirva de solo ou base? Como pensar relações de objeto sem referência ao pulsional ou ao sexual? Estamos de volta a Freud, em cuja obra cada conceito se embaralha com outros, numa intrincada rede de associações.

Vou me permitir a seguir uma recapitulação que será necessariamente esquemática, e me desculpo por isso. Para efeitos didáticos, costumamos dividir a obra de Freud em dois agrupamentos conceituais que denominamos primeira e segunda tópica. A primeira se organiza ao redor da grande síntese que é A interpretação dos sonhos [1900-01]. É postulada a existência de um território inconsciente que é construído e tem um modo peculiar de funcionamento, tributário de interpretações de experiências passadas que passam por um processo de repressão para, então, se tornarem definitivamente inconscientes. Nesse momento, a tarefa analítica centra-se



na identificação e interpretação daqueles conteúdos recalcados que, como memórias, continuam a interferir na vida atual.

Em *O ego e o id* [1923-25], Freud conjectura se o consciente “mergulha” até o inconsciente ou se é este que “aflora” no território consciente. A noção espacial é usada aí obviamente como metáfora, não há um espaço como objeto em si. A conclusão de Freud é bastante direta e clara: nenhum dos dois processos ocorre. O que podemos fazer é buscar construções dotadas de elementos ou estruturas que correspondam aos conteúdos inconscientes. Analogias, metáforas, alegorias e tantos outros expedientes literários trarão uma possibilidade de pensamento a esse território inatingível. Muito antes, em *Sobre os sonhos* [1901b], Freud observa o quão escassa era a literatura psicanalítica sobre o sonho e diz que, naquele momento, o interesse maior da investigação analítica estaria não no processo interpretativo dos sonhos, mas, sim, no processo de elaboração onírica. Como sabemos, em *O ego e o id*, premido por uma ampliação de sua experiência clínica, Freud apresenta outra alegoria espacial, agora com três tipos de inconsciente: um deles pode ser recuperado e, portanto, faz mais sentido considerá-lo pré-consciente; outro, constituído pelos conteúdos recalcados, seria o inconsciente trabalhado no que chamamos primeira tópica e que agora é definido como parte do ego; o terceiro, correspondente ao território do id, seria como que o inconsciente por construir.

Esse acréscimo só será devidamente elaborado pelos círculos psicanalíticos a partir da década de 70. Em termos simplificados, até então tínhamos basicamente três paradigmas clínicos: o neurótico, centrado no recalque; o psicótico, com foco nas cisões do ego; e o perverso, centrado na onipotência advinda do sentido obtido por uma espécie de *by-pass* na sexualidade infantil. Os três tinham em comum a ideia de um inconsciente construído. Por outro lado, os casos traumáticos e as ditas patologias contemporâneas iam se tornando correntes nos consultórios, exigindo ajustes na nossa prática clínica e fazendo ver que, para preencher o vazio representativo e de pensamento que acompanhava tais patologias, era necessário renovar o nosso repertório com a construção de narrativas que correspondessem a elas. Como sempre ocorreu no desenvolvimento da prática analítica, o que antes é um paradigma clínico se torna visível em todos os casos ou, como observa Ferro em seu comentário, o que surge da prática com os casos borderline torna-se o cotidiano, expande-se para o conjunto da abordagem clínica.

A definição de patologias borderline, ou casos limítrofes, tornará obrigatória a reaproximação com o inconsciente por construir da segunda tópica. Green (1990) foi talvez quem melhor definiu esses estados, ao descrevê-los como patologias de fronteira, no sentido de apresentarem problemas de limites ou contornos. O contorno de uma emoção é dado por uma ligação com representações que atribuem “tamanho” a ela. Na ausência das fronteiras, a experiência psíquica não se contém no aparelho de “pensar pensamentos” e, assim, esparrama-se como ação pelo campo clínico. Tornaram-se

frequentes os escritos sobre esses “casos difíceis”. Didier Anzieu publica na época o seu imprescindível *Eu-Pele*.

Trata-se de patologias da construção de fronteiras, e eu me pergunto: como se constroem as fronteiras psíquicas? Como se faz a fronteira consciente-inconsciente? Laplanche, em seu livro *A angústia* (1989a), investigando metáforas possíveis para fronteira, pensa na separação entre dois meios de densidade diferente e imagina um bastão mergulhado na água: o observador o veria como que partido em duas direções, presente ao mesmo tempo na água e no ar. A fronteira também poderia ser vista como um território em si e, portanto, exigiria que a definíssemos como tal e não como mera linha virtual separando dois espaços diversos.

Creio que a resposta a essa questão vem da ideia de Bion (1967a) de barreira de contato, na qual, por justaposição de elementos alfa, há, necessariamente, uma face manifesta e uma face latente. Desse modo, se criariam simultaneamente os dois territórios, o do inconsciente e o do consciente. É como se criam as fronteiras e os territórios — sempre insuficientemente delimitados — do vivo e do morto, do masculino e do feminino, das diferenças entre as gerações e de todas as qualidades psíquicas. Assim, a criação de elementos alfa ou relatos oníricos será essencial ao desenvolvimento do psiquismo humano e, em consequência, à aptidão para fazer face à vida — precariamente, não nos esqueçamos, sempre de maneira insuficiente.

A vida não se repete, é claro, e não podemos abrir mão nem do hábito nem da tradição. Mas esta sempre poderá ser relida, e sua releitura será feita sempre no presente. Será sempre necessário um processo de — inventemos um termo — reonirização, processo que alcança os próprios sonhos.

O trabalho de construção do expediente da vida mediante o pensamento é didaticamente explicitado por Bion com a grade; por A. Green (1990) com o trajeto das pulsões, passando por várias barreiras até o consciente; pelo casal Cesar e Sara Botella (2001) e as teorias de figurabilidade; por J. Grotstein (2007), por T. Ogden (1977, 1996) e, atualmente, de maneira ainda mais clara, pela obra teórica e clínica de Antonino Ferro.

Para Ferro, a necessária alfabetização das emoções passa pelo desenvolvimento de um aparelho de sonhar, de relatos oníricos que expressem as experiências emocionais em curso. Não buscamos resoluções de problemas, como fazem as psicoterapias e as correntes positivistas em psicanálise. Nosso projeto é descobrir variáveis e incógnitas na equação das relações. É dessa forma que o expediente para a vida se amplia. Como no Gênesis, poderíamos dizer, creio, que no início havia a ação e a expulsão. Em seguida, pela construção de narrativas oníricas, cria-se o consciente e simultaneamente o inconsciente. Aparece o Verbo. Poderíamos até adotar uma nova divisa, quase uma “nova tópic”: “Onde havia ação, que possa haver o inconsciente”.

A formulação de Ferro também nos livra da falsa dicotomia que opõe um psiquismo construído a partir do ambiente — como muitas vezes tem sido compreendido o pensamento de Winnicott ou o pensamento de Laplanche (1989b) sobre sedução primária — a um psiquismo construído a partir das pulsões — como querem outras leituras freudianas. A construção se daria, de fato, simultaneamente, num campo de forças onde se afirmariam tanto o ambiente como o corpo. Aqui, a teoria crítica kantiana viria em nosso socorro, como já o fizera em outras circunstâncias teóricas com Bion, quando este abordou a impossibilidade do conhecimento último. O meio exterior pesaria na criação do nosso psiquismo a partir de intuições *a priori* que, em termos psicanalíticos, seriam dadas pelo modo corporal pulsional. Toda e qualquer experiência é apreendida, colorida e narrada passando, necessariamente, pela lente interpretativa dada pela intencionalidade das pulsões. Nessas narrativas estará a síntese de endógeno e exógeno, instâncias que apenas para efeitos pedagógicos podem ser apresentadas em conjuntos teóricos separados.

Finalizando esta variação, gostaria de argumentar em favor de uma “linguagem freudiana”. Creio que seria possível reorientar a linguagem de Bion voltando a Freud — claro, um Freud relido já a partir de uma leitura prévia de Bion. Tentar lê-lo tal como o fizeram seus contemporâneos, como observado acima, seria inútil, infrutífero, além de impossível. Não sabemos psicanálise como conhecimento consciente. Ela será conhecimento passível de aplicação em expediente clínico somente ao se tornar como que carne da nossa carne, e o conhecimento carnal se faz quando habita também o território do inconsciente. Será conhecimento somente se pudermos criar sonhos novos ao nos aproximarmos dele. Certos autores nos propiciam uma aproximação linear e direta com o conhecimento. Outros, como Freud, nos põem a trabalhar, a criar novas imagens para um saber que contempla o inconsciente e o consciente e que só pode ser metafórico e onírico. Será sempre um conhecimento limítrofe, um conhecimento de fronteira, necessariamente pioneiro e inseguro. Será sempre um conhecimento em crise. Aí, creio, está um ponto essencial da crítica que Ferro faz em seu comentário a propósito da pouca criatividade presente em nossas instituições. Instituições que pretendem transmitir um conhecimento seguro e garantir o controle sobre a reprodução dos analistas. Quem antes na história, despoticamente, pretendeu tanto?

Além disso, a linguagem ou as metáforas freudianas permitiriam retirar um tanto da obscuridade que caracteriza a notação bioniana e que se impõe até como alvo de preconceito. Hoje, tendo o pensamento freudiano se tornado patrimônio da humanidade, o diálogo da psicanálise com outras disciplinas do território das humanidades talvez fosse mais produtivo se aproveitássemos esse espaço comum de linguagem. A proposta, é claro, inverte o sentido da notação de Bion, cujo objetivo era justamente fazer frente ao engano, comum entre nós, de confundir o nome com o conhecimento. Com uma nomenclatura nova, Bion forçava seu leitor a pensar. Hoje,

contudo, quando sua obra já se tornou canônica, poderíamos nos perguntar se não é a nomenclatura proposta por ele que vai se automatizando em certos meios. Com o que concordamos de fato diante da aparente familiaridade de nomes e notações?

## 2ª Variação: *O pescador de palavras*



Foto: Edouard Fraipont / © Projeto Leonilson

*O pescador de palavras* [The fisher of words]  
1986, acrylic on canvas, 105 x 95 cm

BRÜCKE  
HAUS  
RABABA

Inspirado em trabalhos de Bion, Ferro e outros, propus em mais de uma ocasião que se, onde havia ação a tarefa do analista seria trabalhar para que houvesse narrativas oníricas, poderíamos pensar a psicanálise como um conhecimento similar ao conhecimento que vem das artes. Ocorreu-me que as histórias em quadrinho poderiam fornecer uma metáfora para a técnica clínica. Pelo seguinte: o paciente fala; o analista ouve e fala sobre o que ouviu — esse esquema, relatado com frequência nas supervisões institucionais, reflete uma tendência dos iniciantes: ouvir o paciente procurando os conteúdos implícitos em sua fala, numa reprodução do modelo freudiano que se fixou no imaginário leigo. A psicanálise explica: por detrás do discurso manifesto há conteúdos latentes a serem identificados e levados ao conhecimento do paciente. Como recurso pedagógico, teríamos um modelo em que as falas do paciente e do analista ocupariam aqueles balões onde lemos o que dizem as personagens dos quadrinhos, cabendo-nos

então descobrir as figuras que estariam dando sentido atual àquelas falas. A tarefa da psicanálise seria desenhar a cena correspondente às palavras nos balões. Nos termos de Bion (1977), tratava-se de realizar a função da comunicação, de tornar comunicável a ação que se exerce pela palavra, um pouco além do que propôs Green (1984) ao falar da transferência sobre a palavra, compreensão que mais uma vez nos poria no âmbito da primeira tópica freudiana. O recurso dos quadrinhos estimularia uma escuta “binocular”: ouviríamos o que se diz na sessão e, ao mesmo tempo, “alucinaríamos” a cena atuada no encontro. Ambas essenciais, uma mirada atribuiria sentido à outra.

Ferro (1997) vê bem a fala como um tipo de ação que permite ao paciente penetrar, controlar, alimentar o analista, à parte infinitas outras funções que, premidas pela pulsão e isentas de ligações representativas, operam sem limites. Não ganham o contorno ou delimitação que uma representação estética lhes daria. Espalhando-se indiscriminadamente sobre o campo analítico, são o excesso que Freud formula como o “econômico” da pulsão. Conforme lemos nas Conferências introdutórias [1916-17], o traumático é fruto de uma relação entre o estímulo a ser representado e a capacidade de elaboração de quem está diante desse estímulo. O traumático, assim, seria sempre um fato “econômico”. Sem ligação com nenhuma representação, o que se apresenta tem a dimensão do excesso, torna-se como que uma inundação e busca expressar-se mediante uma ação que se impõe à semelhança do pulsional. Seguindo a definição freudiana, o traumático é o que está à espera de um narrador — o narrador benjaminiano, capaz de achar palavras para as histórias que o soldado que voltava da guerra não tinha como contar (Benjamin 1987). Como se vê, estamos aqui em terreno familiar, muito próximos de Bion e Ferro, o qual nos lembra, em seu comentário, que o encontro analítico propõe algo de novo, algo desconhecido que necessita de um sonho, de uma atividade onírica de vigília capaz de dar à experiência a possibilidade de ser pensada.

Note-se que no modelo da pintura do campo de flores que abre Transformações, um livro essencial de Bion (1983), inspirador para o pensamento de Ferro, a construção estética implica qualidade plástica e pictórica. Assim como nos sonhos, a transformação é de ordem visual, ou, como diz Rocha Barros (2000), cria-se um ideograma pictórico afetivo que deverá cumprir um trajeto de elaboração capaz de colocá-lo no campo do possível compartilhamento. A representação resultante será não apenas um instrumento comunicativo, mas também uma criação artística. Em relação a esse modelo, a criação do desenho nos quadrinhos poderia ter alguma vantagem, pois seu caráter prosaico nos afasta de uma pretensão não tão rara entre nós: a de sermos praticantes de uma grande arte. Talvez fosse mais útil se nos pensássemos como artistas anteriores ao Renascimento e à ideia do gênio ou do herói artista. Melhor seria se nos víssemos como artesãos, meros praticantes de um ofício de eventual inspiração estética.

Nesse contexto, tomando a arte como construção peculiar do conhecimento na qual o singular adquire traços do universal, cada situação analítica, a exemplo das obras de arte, criaria um mundo em si, único e irrepitível, a não ser como falsificação

ou imitação de si mesmo. Decorria daí um problema ético: a perda de foco na tarefa específica do analista, a par da ausência de qualidade artística e psicanalítica. A produção científica não obriga à explicitação da autoria ou à nomeação do formulador de uma lei ou teorema; na arte e na psicanálise, ao contrário, a nomeação da autoria é imprescindível. Cada teoria e cada descrição levam o nome de seu autor, e é assim também na nossa prática clínica. Talvez nenhum campo do conhecimento carregue tão intensamente a marca da singularidade como a psicanálise. No nosso caso, talvez a extrema pessoalidade do campo teórico e da prática clínica gere uma insegurança extrema que nos faz buscar a segurança de uma teoria definidora. Ao mesmo tempo, talvez em nenhuma outra área de conhecimento se busque tanto uma “tribo” e se travem lutas tão fratricidas. Segurança e tradição não são propriamente a regra do viver dos artistas, e podemos pensar que também não deveriam ser a dos analistas.

Essas desventuras analíticas no campo da estética evocam uma outra: quando produzimos uma obra junto com nosso paciente, somos apenas dois os virtuais espectadores do evento. Se quisermos relatá-lo, o resultado será de um reducionismo inevitável, mesmo nos raríssimos casos de analista com talento de escritor. Reforçando ainda mais o caráter trágico da nossa arte, se o evento analítico for mesmo relevante, tenderá a ser recalçado e repousará em devido esquecimento no território das nossas realizações: descansará no inconsciente e como tal será esquecido pelo irrisório grupo de dois espectadores. O que lembraremos de uma análise serão alguns acontecimentos pontuais, algumas construções anedóticas.

No entanto, embora ocupasse insistentemente minhas reflexões, o vértice estético se mostrava insuficiente. A revelação da verdade “na clareira” de um acontecimento (Heidegger) trazia todos os problemas envolvidos na questão da captura da realidade última. A questão da arte como verdade tinha uma inspiração clássica, enquanto a microscopia do gesto analítico associava-se a uma estética de corte heideggeriano, e em ambas as vertentes a verdade era capturada, o que estava em franco desacordo com minha prática cotidiana na clínica. Nesta, nem bem algo era visualizado e imediatamente se tornava anacrônico. A cada experiência em que eu acreditava ter “sacado” este ou aquele paciente, a sequência me desmentia, colocando-me novamente diante do desconhecido. Era exatamente como nos dizem os relatos clínicos de Antonino Ferro: esse permanente desconhecido não cessa de nos desafiar. Além do mais, se eu ocupava o lugar daquele que sabe, meu paciente se tornava também meu cúmplice — ambos nos sentíamos mais tranquilos. Parecia haver ali algum pressuposto equivocado que, inevitavelmente, direcionava o trabalho por um caminho sem saída, mas quem se oporia ao nobre anseio de alcançar a verdade?

O contato com Lévinas, de quem tivera as primeiras notícias por intermédio da leitura de Z. Bauman, representaria para mim uma inflexão crucial que exponho aqui por acreditar que novos modos de conceber a aproximação com o conhecimento sempre podem fazer reviver velhas divisas e, assim, em meio a novas redes associativas,

modifica-se ou aumenta a altura de onde nossa observação empírica pode ser feita. Os aspectos do pensamento de Lévinas que serão destacados a seguir integram um campo conceitual certamente familiar a quem se aproxima de Bion e Ferro.

Lévinas (1988) nos faz ver que o conhecimento de um objeto como o infinito propõe um dilema específico ao pensamento. O infinito traumatiza seu conceito, é um objeto excessivo em relação a ele. Se o conceito de infinito pudesse abarcar o objeto infinito, este seria destruído nessa captura. Dadas suas características intrínsecas, o infinito não caberá numa definição, a menos que se desfaça e se desnature. A ideia de Lévinas confronta a ideia de Descartes de que o infinito tem origem endógena. Na medida em que é impossível ao homem conceber ou criar algo que o ultrapassa, diz Descartes, a existência dessa concepção em nós seria uma das provas da existência de Deus. Com Lévinas, estamos mais próximos do que dizem os Testamentos acerca da impossibilidade de nomear a divindade. Mas para Lévinas, a ideia de infinito não vem de Deus — ela nos é imposta pelo rosto de outro ser humano. É exógena. Esta ideia me serve!

O infinito gerado pela presença do Outro, do Estranho, nos traumatiza, afronta a possibilidade que temos de conhecê-lo ou de defini-lo. Diante dele, nós nos curvamos e permitimos que se expresse, e não haverá lugar para catequização ou conversão. Várias são as consequências dessa escolha. A primeira muda nossa direção de escuta: o outro não pode ser capturado numa totalidade positiva do conhecimento, nem se revelará a nós “na clareira” de nossa experiência poética com ele. Sua presença colocará nossa existência em questão. Em epistemologia, ocorre uma deflexão essencial: a ética precede a ontologia. O conhecimento se inicia por um gesto ético: nós colocamos nossa presença sob suspeição, suspeitamos nela a indignidade de querer capturar o outro, de querer naturalizá-lo segundo nossas categorias. Lévinas faz a crítica da totalidade, presente como categoria do conhecimento em toda a filosofia ocidental. Nessa tradição, afirma, conhecer equivale a transformar o outro no mesmo, o estranho no familiar. O processo inevitavelmente destrói a alteridade, equivalendo essa naturalização à destruição do infinito do outro.

Se concordarmos que o conhecimento se inicia por este gesto ético que é permitir a existência do estrangeiro, em nossa prática clínica a atenção flutuante equivalerá à submissão ao traumatismo que causa em nós o infinito do rosto do outro. A associação livre, por sua vez, equivalerá a permitir que o estrangeiro permaneça como tal. Nós o receberemos à nossa mesa sem o submeter às nossas categorias. Permitiremos que fale, que imponha o seu ser, que seja o que é: Estrangeiro.

Essa tentativa de captura da alteridade, de posse do conhecimento do outro, não deixa de ter uma matriz ideológica. Lembremos a ideia de Hanna Arendt (1998) sobre a banalidade do mal, em que se aproximar do outro é desumanizá-lo, é tirar do sujeito do conhecimento e da ação a possibilidade de pensar. Podemos considerar que, *mutatis mutandis*, o conceito se aplica não apenas à Alemanha nazista ou a remotas sociedades totalitárias. Talvez fosse um exercício interessante refletir sobre o que há de ideológico no nosso fazer clínico e - por que não? - sobre em que medida abrigamos

a banalidade do mal em nós. Usamos expressões aparentemente inocentes e prosaicas como “o material que o paciente trouxe”, “a dinâmica do paciente”... e ei-lo capturado numa definição que o esteriliza!

Estamos novamente em plena familiaridade com o comentário de Ferro, creio, nesse desenvolvimento que aponta para tópicos em que ele se detém insistentemente: a diferença entre interpretação da transferência e interpretação na transferência, a diferença de qualidade entre interpretações saturadas e insaturadas. Poderíamos nos perguntar, aliás, se aqui não caberia falar em interferência e não em interpretação. Imaginemos um exemplo banal: o paciente diz “Estou com raiva”, e o faz calmamente, ao que nós exclamamos: “Com raiva!” Ao passar da afirmação calma para a exclamação, estamos “colorindo” a fala: o que era bege se torna vermelho. É uma interpretação, mas é primeiro uma clara interferência no que se passou no quadro analítico. Situações como esta ocorrem inúmeras vezes nas nossas salas de análise, sem nos darmos conta, o que abre um grande capítulo para debate. Aliás, Ferro encerra seu comentário com uma ótima questão: “I certainly agree that the analyst’s mental functioning in a session is more important than what he says or interprets”. Aqui, sua ideia de campo analítico — campo como interação total dos dois participantes, criando uma cena onírica — pode, sem dúvida, ser tomada como baliza para futuras reflexões.

### 3a. Variação: *Jogos perigosos*



Foto: Rubens Chirf / © Projeto Lemilkon

*Jogos perigosos*

1989/1990, acrílica sobre tela, 60 x 50 cm

ESSES JOGOS PERIGOSOS  
NÃO SÃO GUERRA  
NEM ESTÃO NO MAR OU NO ESPAÇO  
MAS POR DETRÁS DE ÓCULOS  
E UM PAR DE JEANS



Por esse caminho idiossincrático, volto à ideia freudiana de sublimação e às formulações de Bion e Ferro sobre a construção do pensamento. O conceito de sublimação trai um resquício agostiniano presente no pensamento ocidental. Aceita a ideia de que a sexualidade preside os comportamentos humanos, o que pode ocorrer é a passagem a uma abstração simbólica maior dos modos sexuais, isto é, a passagem do ato a uma expressão na esfera do pensamento. Assim sendo, existe abertura para considerar que nos aproximamos do conhecimento também por intermédio dos modos sexuais.

Transformar o desconhecido em familiar, fazer do outro o mesmo, torná-lo possessão minha configura, num nível abstrato, o ato oral da sexualidade infantil. Como é gratificante aplaudir uma música conhecida num show, como apreciamos um desenvolvimento de argumento que coincide com as nossas concepções prévias, como nos agrada confirmar, em tantas e tantas experiências, que no outro encontramos a nós mesmos! Também podemos situar nesse campo sexual as depurações conceituais: pensamos em livrar um conceito de todas as impurezas e eliminamos tudo o que não pode ser absorvido, para que ele resplandeça em sua higienização. E não nos esqueçamos do apreço pelo controle — de settings, de colegas, de instituições. São infundáveis os comportamentos e representações em que predomina essa posição sexual. A posição genital será a única que, depois do encontro, considerará o objeto permanente em sua presença.

Sabemos que Freud, apesar de ter falado de sublimação em diversos momentos, recuou, por razões de fato desconhecidas, da ideia de escrever um artigo metapsicológico acerca desse discutível conceito, que, em sua obra, diz respeito sempre à ideia de dessexualização. Os objetivos da sexualidade são abandonados em favor de grandes realizações da humanidade. Como sabemos, o biógrafo E. Jones (1989) afirma que, ao redor dos 40 anos, Freud abandonou as práticas sexuais conjugais, mas que isso não foi problema em razão da grande capacidade de sublimação de seu biografado. Não há como comprovar a veracidade da afirmação, mas ela expressa toda a óbvia problemática do conceito.

A ideia de uma troca do corporal por esferas superiores tem um nítido matiz ideológico. Não a encontramos no mundo pagão e tampouco no mundo judaico. Inspirada em Plotino, torna-se em Santo Agostinho uma ideia clara que prospera na cristandade e, por essa via, se instala na cultura do Ocidente. Está presente em todos nós, portanto, e uma leitura atenta dos nossos relatos clínicos comprova até que ponto é comum esse dualismo, essa divisão em esferas inferiores — equiparadas à corporalidade e à matéria — e esferas superiores — equiparadas a uma pura espiritualidade. No próprio Freud, essa concepção de sublimação se opõe à ideia de energia ligada, de elaboração do trauma e de inconsciente por construir. Na escola kleiniana ela será substituída com vantagem pela ideia de simbolização. Laplanche (1989b) insurge-se contra o abandono da sexualidade em favor do não sexual e afirma que a melhor maneira de descrever a sublimação seria tomá-la como a passagem da sexualidade concreta para sua representação pensante. Em Os estados sexuais da mente, Meltzer (1973) vai se referir aos modos sexuais como formas de organização do pensamento em modos de estar no mundo.

Vemos, assim, como a formulação bioniana de construção do pensamento — ou, como diz Ferro, de dar possibilidade de pensamento às emoções — encontra, em diversas tradições, um terreno fértil para se disseminar. A coluna vertical da grade nos fala disto: da passagem de elementos psíquicos próprios à evacuação ou à ação, concretos e inóspitos, para o movimento do pensamento e o trabalho sobre eles, de modo que se constituam em elementos passíveis de abordagem reflexiva, desde narrativas para uso em situações cotidianas até os mais altos espaços de abstração, até os mais complexos sistemas estéticos, filosóficos e éticos. Não deixo de lembrar que Bion apresentou a grade como mero instrumento, como ferramenta útil ao exercício de um pensamento psicanalítico, propondo que cada um construísse sua própria grade. O conjunto da obra de Antonino Ferro mostra sem dúvida o êxito de um trabalho que aceitou esse desafio.

Mas voltemos à questão da sexualidade, tema tão esquecido no ambiente analítico e amiúde equiparado ao comportamento concreto da própria sexualidade. Tomemos a obra de Melanie Klein (1969, 1975, 1991), que se inicia com atribuição de fortes componentes carnis à sexualidade infantil e vai se direcionando para uma linguagem mais abstrata. Na sua teoria das posições, por exemplo, o elemento carnal das intensidades apaixonadas com facilidade se perde. Outro exemplo: quando falamos em identificação projetiva, temos de fato em mente que ali se agregam diversas formas sexuais em ação? Nesse famoso e essencial conceito, há, em primeiro lugar, um mecanismo de expulsão que é correlato ao mecanismo anal. Há o controle do objeto para que este se comporte de maneira a confirmar o êxito da projeção realizada em direção ao interior do próprio objeto, o que se relaciona com o conceito freudiano de analidade retentiva. Ocorre, por fim, a reincorporação do que havia sido expulso, o que se referirá a mecanismos orais.

Vale lembrar, a identificação projetiva se dá em ambientes de alta intensidade apaixonada, e seu funcionamento pressupõe o excesso. Somos confrontados desde o nascimento com o que está além da nossa capacidade de elaboração. A devoção de outro ser humano — que no início da vida corresponderá à função materna — é o que possibilitará um passo a mais em nossa humanização. Essa profunda e prolongada dependência do ser humano, dirá Freud no Projeto para uma psicologia científica [1895], será a raiz de todos os motivos morais e presidirá o nascimento da nossa ética. Uma moral se estrutura não a partir de raiz superegoica, paterna, mas, sim, de uma ética de raiz materna. Temos aqui, acredito, o tema ético central da psicanálise na atualidade: a relação humana que propicia a conjunção continente-contido e que permite, mediante a capacidade de *rêverie*, a elaboração conjunta de sonhos, o trabalho onírico no sono e na vigília onde antes ele não existia.

Bion usou os símbolos gráficos do feminino e do masculino para representar a relação continente-contido (aliás, notação muito econômica que se tornou um costume entre os autores que nele se inspiram). Assim, a construção onírica está posta como fruto de uma conjunção masculino-feminino, ou seja, é criação simbolicamente análoga ao

nascimento de uma criança. Não será outra a marca do surgimento do Verbo. Criança e Verbo, na nossa tradição cultural, têm seu nascimento atribuído ao sagrado. A natureza se repete, mas o milagre é único, ensinavam os profetas. O milagre é a criação do humano. Afinal, nem para comer somos orientados pelo instinto. (A dinâmica entre costume/tradição/repetição e novo/único/milagre merece consideração à parte; volto a ela adiante.)

À exceção da genitalidade, todas as fases da sexualidade ou todos os modos sexuais trazem implícito o domínio do objeto. Assim é com as formas da oralidade e as formas da analidade: quando voltadas para o objeto do conhecimento, precisam transformar o outro no mesmo. Daí resulta uma peculiar matemática:  $1 + 1 = 1$ . A única forma sexual que respeita a alteridade e na qual ambos os participantes sobrevivem ao encontro é a genitalidade. A matemática aí também resulta peculiar —  $1 + 1 = 3$  —, pois, de certa forma, para nós, quando um mais um é igual a dois, nada ocorreu de fato, não podemos nem falar em encontro propriamente. A solução repete o problema ou, em outros termos, o que temos é mera tautologia.

A genitalidade percorre um intrincado campo de perigos e angústias específicos. Supõe abandonar o próprio terreno para se perder em outra subjetividade, supõe confiança na possibilidade de acolhimento pelo par, supõe o risco de perder os limites. Há o encontro, e depois dele será preciso percorrer os angustiosos trajetos do retorno a seu espaço próprio, ao descanso na solidão. Lembremos o famoso dito de Cícero: *Post coitum omne animal triste, nisi gallus qui cantat* — “Todo animal é triste após o coito, menos o galo, que canta”. Depois de tantos perigos, vê-se como será essencial esse pequeno acréscimo de sentido próprio a cada encontro e, de vez em quando, a recompensa da construção do novo, do Verbo, da Criança. Criado o sentido, um breve tempo de neutralidade, de descanso pulsional, ao qual logo se seguirão novamente as demandas da pulsão, do mundo ou da própria criatura criada, cujo desenvolvimento exigirá os cuidados da nossa devoção.

Se isso é verdade, deverá estar claro, para os participantes da cena, que a criação da narrativa ou a construção onírica resulta de uma conjunção sexual fértil entre eles — é obra de ambos. “Na sala de análise ‘se faz apenas e ininterruptamente sexo’”, escreve Ferro, “no sentido obviamente de que um se relaciona com o outro e isso é sexo, ainda que as necessárias normas de abstinência impliquem fazer sexo de um modo ‘casto’, mas não casto em relação às emoções que se ativam e se vivem e à fantasmática em termos sexuais das contínuas cópulas entre mentes [...] (Ferro 1997).” O gesto analítico ficará incompleto sem essa explicitação. Correrá o risco de permanecer ato sem construção, paixão sem pensamento. Explicitada a produção conjunta, aí, sim, o breve momento de neutralidade analítica.

Aqui é essencial a distinção que Ferro estabelece em seu comentário entre metaforização e *rêverie*. No primeiro caso, tudo se passa como se a metáfora contivesse um núcleo de verdade, como se fosse o invólucro de uma verdade que é revelada ao paciente.

Há uma fixidez nesse lugar de fala: fazer a revelação é o papel do analista. Não há margem para o jogo, para a infinidade de lugares e personagens que a dupla é chamada a representar no campo analítico. Na *rêverie*, diferentemente, analista e paciente gestam e dão à luz uma narrativa onírica. Nessa parceria, a fala do analista não é endereçada ao consciente do outro. É, sim, elemento onírico de uma construção que habitará simultaneamente o inconsciente e o consciente do interlocutor. Lemos em Ferro (2010):

*“Interessa-me substancialmente desenvolver no paciente e em mim a atitude onírica das nossas mentes: para tanto, opero com o desenvolvimento do continente (aqueles fios de emoção que existem entre mim e o paciente e que, se são tecidos e reforçados, permitem — como aos acrobatas no circo, que se sabem a salvo graças à rede de segurança — conteúdos cada vez mais intensos, permitem dançar entre um trapézio/mente e outro), com o desenvolvimento da função  $\alpha$ , ou seja, aquele aparato capaz de transformar protossensorialidade, protoemoções em pitogramas, audiogramas, olfatogramas (elementos  $\alpha$ ).”* (Ferro 2010, p. 166)

Gostaria neste ponto de trazer uma citação de Joseph Conrad, que percebo ser também um autor querido de Ferro. A passagem está em *The Heart of Darkness* e foi escrita no lindo inglês inventado pelo polonês Conrad:

*“As histórias dos marinheiros são objetivamente simples e com significado que cabe inteiro em meia casca de noz. Marlow, porém, não era típico (excetuando-se sua tendência para tagarelar); para ele, o significado de um episódio não estava no seu interior, como um caroço, mas fora, a envolver a história e a dar-lhe realce, como o calor que provoca a névoa, como esses halos de vapor que o fantomático luar por vezes faz visíveis.”* (Grifo meu)

A criação de sentido será o ápice que podemos esperar de um trajeto humano compartilhado ou do encontro de duas subjetividades, mas obviamente os outros movimentos sexuais mantêm seu lugar e sua necessidade. Assim, os sonhos podem cumprir, e cumprem de fato, uma função de eliminação de excessos sem a qual, aliás, nós não sobreviveríamos. A pulsão de incorporação e eliminação está sempre presente em nós. E nunca é demais lembrar que não estamos falando de funções corporais concretas, mas de sua representação psíquica. Desse modo, o anatomicamente genital pode ter representação psíquica como incorporação do precioso ou, num trajeto inverso, como eliminação de incômodos e angústias, quando o corpóreo é assim definido pelo emocional. É importante esclarecer: o que foi dito aqui seria evidentemente desnecessário, não fosse a frequência com que vemos a função continente ser equiparada a uma função do seio, a uma função de acolhimento maternal e bondoso. Ou se não fossem frequentes as tentativas de relacionar a função continente — que é sexual, permeada de paixões, e passa pelo novo e pelo traumático a cada reapresentação — com o conceito

winnicottiano de função *holding* materna (pensado em outro conjunto conceitual) — que também sofre as agruras da intrusão da bondade —, onde o que há é apenas vida.

Se está correto que o gesto do analisando passa pela necessidade de ser e que, em consequência, o gesto analítico passa pelo traumático de receber o que lhe excede — ou seja, a alteridade —, então, a bondade será uma desfiguração da tarefa analítica. Será, portanto, um problema ético. Por que motivo a poética da genitalidade, em sua aventura pela sempre desconhecida presença infinita do outro, mereceria ser representada em nossos textos por algo tão econômico como o símbolo gráfico masculino-feminino? Talvez tenhamos mais coragem para a guerra do que para paixões e amores. Não somos Ulisses, não somos Dante, mas o que nos impede de narrar as incríveis aventuras que vivemos quando partimos com nossos pacientes em busca do sentido? Temos de confiar no acolhimento dos nossos pares ou nossa conversa terá sempre o destino de uma guerra em que a minha linguagem buscará, mais que tudo, a hegemonia. A ruptura do hábito, ou melhor, o confronto entre a necessária presença das memórias e seu caráter obrigatoriamente anacrônico se dá no âmbito da mudança catastrófica, em que Ferro insiste sempre. A percepção do novo como excesso certamente estará por trás de muitos dos nossos fracassos.

#### 4ª. Variação — Uma narrativa construída por imagens: *Leo não consegue mudar o mundo*



Foto: Romulo Faldini / © Projeto Leonilson

*Leo não consegue mudar o mundo*  
tinta acrílica sobre lona, 156 x 95 cm

ABISMO  
LUZES  
INCONFORMADO  
SOLITÁRIO

Comentei acima como recriamos a cada momento os nossos clássicos e como eles se desnaturam e se perdem quando se tenta imobilizá-los em tradições cristalizadas. Um costume de nômades me foi descrito uma vez: ao chegar de uma longa viagem, os viajantes descem de suas montarias, de seus camelos, sentam-se numa roda e ficam em silêncio. Diz a tradição que o corpo chega primeiro e, por isso, eles permanecem assim, como que descansando, quando de fato estão dando tempo para que a alma chegue e alcance seu corpo. Apenas depois desse breve ritual de espera, é que se consideram prontos para entrar em casa.

Estamos sempre vivendo situações novas e devemos representá-las. Penso que essa pequena história exemplifica bem o que nos acontece em qualquer trajeto da vida: uma nova situação, uma nova idade, um novo encontro, um novo impasse e assim tudo. O trauma está no nosso cotidiano. Inevitavelmente, a vida nos antecede, e tentamos alcançá-la sempre um tanto atrasados. Somos orientados por memórias, hábitos e tradições. Poderia dizer que temos um sistema ecológico de crenças e linguagem no qual nos sentimos em casa. Isso vale para a profissão que escolhemos: temos nossas crenças e concepções teóricas e clínicas, assim como a linguagem com a qual as expressamos. Mais que isso, gostamos de frequentar ambientes que parecem falar a nossa língua, onde encontramos o que esperávamos encontrar.

Caminhamos em meio a memórias e reminiscências, e nada a criticar aí, pois assim é, simplesmente. Vivemos num ambiente de ideias. Quando esse ambiente é inconsciente, no consultório buscamos os relatos que correspondam às crenças do nosso paciente e classicamente dizemos que trabalhamos a esfera neurótica. Se essas soluções se mostram insuficientes, se há explícita e inescapavelmente necessidade de novas histórias, se constatamos carência de narrativa, podemos dizer que adentramos em área traumática. A situação analítica — a meu ver, a grande invenção da psicanálise (Nosek 2013b) — não favorece a presença do hábito. Observo como é estranha a lembrança do tempo longitudinal e linear na situação clínica. O apelo pulsional do encontro de duas subjetividades que concordam em se desarmar ao máximo do hábito configura um susto permanente. Esse balanço entre a tradição e o hábito — sem o qual não teríamos repouso ou moradia possível — inevitavelmente se chocará com o anacronismo surpreendente das narrativas espectrais, noturnas e oníricas. Vez por outra não escaparemos, não encontraremos o caminho de casa, nós nos perderemos no estrangeiro, e é aí que algo novo se criará. Nascerá inevitavelmente sob o signo do traumático. Expandindo a imagem do nascimento, teremos algumas “crianças” na análise e muito trabalho para que possam se desenvolver. Mas nem a própria educação do novo habitante encontrará rotas preestabelecidas, pois assim se caminha em nossa impossível profissão. Não somos apologistas do novo, mas por dever de ofício — por nossa ética e nossa prática — nos curvamos a ele. Somos submissos ao traumático que

o infinito da presença da alteridade nos traz. Sonhos que se repetem, sabemos há muito, pertencem ao território do que permanece isento de pensamento, ao buraco negro do traumático.

Freud nos falava dos sintomas como maravilhosas construções estéticas. Pensava-os construídos à imagem dos sonhos. Mais uma vez: o campo clínico estava posto como inconsciente construído, sendo os sonhos o modelo para a elaboração de correspondências narrativas aptas a dar fluidez ao recalcado que buscava se apresentar na situação clínica. O sonho aparece, então, como um autorretrato que serve ao sonhador, mostrando-lhe o que ele já sabe sem saber que sabe e adquirindo, assim, um caráter aparentemente premonitório. Mesmo nessa forma clínica, o sonho não é ponto de partida do trabalho, mas, sim, ponto de chegada. Constatamos que a lembrança de um sonho numa sessão é precedida de trajetos que permitiram seu aparecimento ali. Ao mesmo tempo, ele desencadeará novos sonhos, novas elaborações — há uma contínua reonirização. Quem sonha costuma comemorar seu sonho e o apresenta como uma obra digna de ser contada e compartilhada. Mas o sonho não será uma obra de arte, pois é uma produção individual que servirá apenas ao sonhador, ao contrário da obra de arte que sonha a humanidade, em cuja abstrata generalização cada um pode reencontrar de algum modo a própria singularidade. Em parceria, paciente e analista terão como tarefa fazer o trajeto construtivo no qual o paciente passará de personagem de um sonho a autor de um sonho. Dará um passo a mais na autoria de si mesmo. Talvez por isso tantos sonhadores experimentem aquela sensação de êxito e tenham ímpeto de compartilhar sua criação imediatamente ao acordar.

Mas nada se comemora no território da ausência de sonhos. É o território do que, diversas vezes, se denominou “patologias contemporâneas”, casos “difíceis” que, a bem da verdade, para justificar tal classificação, teriam de ser acompanhados dos improváveis casos “fáceis”. O território da ausência onírica ganhou seu lugar como o paradigma dos casos borderline, e como paradigma clínico, tal como na neurose e na psicose, houve a percepção de sua universalidade. Ou seja, como observa Ferro em diversas passagens, é um modo universal, podendo ser visto em qualquer análise, em qualquer paciente e em qualquer analista.

Neste ponto, em vez de um exemplo clínico, gostaria de propor um modelo estético a partir do trabalho de um artista plástico brasileiro de grande originalidade, José Leonilson, infelizmente morto jovem demais. Parto de dois pressupostos. O primeiro é o de que as construções estéticas são de algum forma o sonho da humanidade (Otto Rank) e são em si um modo de conhecimento. O segundo é o de que as formas artísticas são formas de discurso. Alain de Mijolla se perguntava se, em vez de falar, o analista poderia se sentar ao piano e, tocando, dizer a seu paciente: “O que você me mostrou me sugeriu esta série de acordes”. Mijolla achava que, em princípio, sim, isso poderia ser feito; o obstáculo estaria em não termos o talento necessário para tanto.

Concordando com ele, poderíamos responder ao paciente com uma obra pictórica ou com um desenho, como nos é familiar na análise de crianças. Afinal, cada forma de arte traz em si um complexo sistema de linguagem. Talvez pudéssemos fazê-lo até no território da teoria.

Leonilson teve uma vida curta. Nascido em 1957, faleceu em 1993, aos 37 anos. Foi da primeira geração brasileira de pacientes com aids, doença que foi diagnosticada nele em 1991 e o marcou acentuadamente nos últimos anos de vida. Deixou um acervo extenso e rico que tem sido mostrado tanto no Brasil como no circuito internacional e, desnecessário dizer, recebe interpretações muito diversificadas de curadores, críticos e admiradores.

Retomando observações anteriores (Nosek 1997), gostaria de falar primeiro de São tantas as verdades, obra de 1988 que aparece como título da primeira variação e que traz uma característica fundamental do trabalho de Leonilson: o casamento entre as palavras e a expressão plástica. Leonilson usa aqui um suporte peculiar: uma lona. Esta não deve ter chassi; deve ser pendurada, solta como uma bandeira. Percebe-se uma preocupação com a não delimitação óbvia do campo, já que não há moldura. É uma peça solta no ar, um pano que se move com o vento. Nela vemos figuras informes, com contornos e volumes que lembram algo orgânico ou embrionário. Ao lado, uma sucessão de palavras que não resultam num discurso identificável, embora algumas delas lembrem vocábulos de sonoridade inglesa ou portuguesa ou ainda flamenga. Uma das figuras com um pouco mais de organização parece tentar propor uma ordem poética que de fato não se realiza. Às palavras se juntam elementos inorgânicos em que se pode supor uma intenção estética: as pedras semipreciosas salpicadas sobre a lona. Há um único elemento definível no conjunto: uma escada. Seria talvez para ganhar altura e, talvez, estabelecer alguma ordem, alguma comunicação. Poderia haver aí uma tentativa de expressar, de comunicar algo de um mundo emocional, de uma época histórica.

Para os propósitos deste texto, gostaria de considerar que a linguagem plástica pode ter o mesmo estatuto da linguagem discursiva, seja conceitual, seja poética. Não será por serem os sonhos predominantemente imagéticos que a imagem terá uma hierarquia comunicativa inferior à da construção por palavras. Assim, diferentemente do que faríamos numa análise, os trabalhos inseridos no corpo deste texto não serão ponto de partida para uma interpretação ou reflexão teórica. Já serão ponto de chegada, em si mesmos uma produção conceitual e teórica, apenas gerada em outro sistema linguístico. À sua maneira, eles dizem o que eu digo no texto que assino — também eles são uma variação do tema que se desenvolve aqui: alfabetizar as emoções. Gostaria então de propor um exercício de imaginação ao leitor, diante da pobre reprodução da



obra que vai nestas páginas: olhar para ela como dizia Freud [1930] no prefácio à tradução hebraica das Conferências, permitindo-se a associação livre e observando em si as resistências que elas possam provocar. Sabemos que toda interpretação é passível de uma nova interpretação ou, como se costuma dizer, a verdade, se é que existe, está na procura da verdade.

O segundo trabalho a ser comentado intitula-se sugestivamente *O pescador de palavras*. É o que deu nome à segunda variação. Aquela figura lembra ou sugere uma forma humana. Embora seja uma construção anterior a São tantas as verdades, é mais definida. Ela em si sugere uma falta de definição. Em sua pescaria, tem diante de si palavras displásicas e numa língua por construir. Há uma correspondência entre o sem forma do pescador e a escassez de linguagem no campo. É uma busca que comove. Também construída sobre um fragmento de lona, supõe-se que, presa pelo alto, flutuará no espaço. A palavra *rababa* sugere algo da língua portuguesa, que, no entanto, não tem esse vocábulo; é como se ela definisse uma isca que, agora com palavras germânicas (por que será?), nomeia uma ponte e uma casa: *brücke* e *haus*. Talvez o pescador esteja buscando coisas — palavras ou figuras — para estabelecer ligações. Seria a necessária ponte que o levaria ao descanso de um retorno à casa? Um retorno a si mesmo que lhe daria vida e sentido? É estranha a atmosfera em que se realiza essa pescaria. Evoca algo da modernidade tardia, que arrasta no horizonte a globalização, com seu cortejo de palavras em línguas que não fazem conjunto, com a perda de referências e a busca que esta determina. Estaremos diante de uma subjetividade por construir ou de uma subjetividade em processo de destruição? São muitas as possibilidades interpretativas. O porquê de responder essas perguntas também seria uma questão de importância não desprezível.

Leonilson fez esses dois trabalhos um pouco antes dos primeiros sintomas da aids. Não vai aqui nenhuma sugestão de interpretação. Menciono isso apenas porque, com a agudização da doença, ele desenvolve uma intolerância às tintas que usava habitualmente. Precisar-se-á de outro meio expressivo, e é nesse momento que surge a parte mais original de sua obra. Começa a bordar e a trabalhar sobre tecidos. Chamo atenção para um elemento técnico do bordado: o desenho que vai surgindo do trabalho de agulha e linha faz um trajeto que passa pela frente e pelo verso de seu suporte. Tem, portanto, uma face visível ou manifesta e uma face invisível. Tem a peculiar trajetória do trabalho onírico.

Dessa mesma fase é *O Ilha*:



Foto: Edouard Fraipont / © Projeto Leonilson

*O Ilha*  
1990, bordado sobre tela, 37 x 25cm]

HANDSOME  
SELFISH

Constata-se desde o título uma intrigante desarmonia: em português, o artigo *o* define o masculino, mas *ilha* é um substantivo do gênero feminino. O artigo será realmente um artigo definido masculino? Também pode ser um pingo no *i* do denominado *Ilha*. Na parte de baixo, duas palavras bordadas em outra língua, agora o inglês: *handsome* e *selfish*. Estaria Leonilson classificando seu personagem? Olhamos a figura e vemos algo vagamente humano, sem contorno definido, preenchido por pequenos objetos, entre os quais um coração. Alguns são dourados. Em equilíbrio estável, eles dão a impressão de que, a qualquer momento, as preciosidades interiores podem despencar do lado de fora. Não há nenhum limite indicando que a figura seria capaz de contê-los. Ela possui olhos e um aparelho de locomoção impróprios. Não possui orelhas, braços, nariz ou boca. Não é possível determinar seu gênero. Não parecerá a ninguém um desenho infantil. Na verdade, produz uma impressão de grande complexidade comunicativa. Em 1996, quando exposto no Moma, em Nova York, foi interpretado pela curadora Starr Figura (1996) como uma figura orgulhosa que, em seu isolamento, enfrenta desafiadoramente um mundo que lhe é inóspito.

Podemos ver, já por esses poucos exemplos, que estamos diante de uma obra da intimidade, de uma viagem à escuridão interior. A meu ver, esse registro plástico pode ser tomado como um correspondente da emoção em busca de sua forma e de seu contorno. Insisto: podemos estar diante do registro plástico de um conceito. Penso que valeria a pena discutir até que ponto a apresentação plástica pode ser mais aberta do que a palavra verbal (escrita ou falada), por irradiar tantas saídas interpretativas, tantos trajetos de reflexão. Um quadro nos propõe um enigma: vemos toda a obra de imediato, de uma só vez, mas, permanecendo diante dela, percebemos que não se mantém imóvel. Se tem qualidade estética, ganha volume e profundidade e inspira inúmeras leituras. Se é apenas uma sedução, se é rasa, rapidamente enjoamos dela. Com a evolução de sua doença e a maturação como artista, Leonilson vai se tornando mais minimalista e cada vez mais original. Creio que, na solidão inexorável em que trabalham os artistas, ele achou um caminho visceralmente singular para fazer exatamente isto: dar forma e nome a “estados de impensabilidade”, isto é, alfabetizar as emoções. Gostaria de mostrar alguns outros trabalhos dele, agora sem nenhum comentário, apenas como conceitos gráficos que se oferecem ao nosso pensamento: Jogos perigosos (ver acima, na 3a. variação), Pescador de pérolas, 34 com scars, Voilà mon coeur (frente e verso), José e O Perigoso:



Foto: Rubens Chirri / © Projeto Leonilson

*Pescador de pérolas*  
bordado sobre voile, 36 x 30cm

PESCADOR DE PÉROLAS  
RUÍNAS  
TEMPLOS

Variações sobre um tema de Antonino Ferro: Alfabetizar as emoções



Foto: Romulo Faldini / © Projeto Leonilken

*34 com scars [34 with scars]*  
1991, acrylic and embroidery on voile, 41 x 31cm

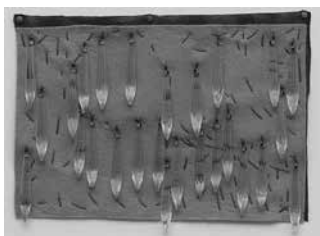


Foto: Edouard Fraipont / © Projeto Leonilken

*Voilà mon coeur [Here is my heart]* — frente  
c. 1989, embroidery and crystals on felt, 22 x 30cm



Foto: Romulo Faldini / © Projeto Leonilken

*Voilà mon coeur [Here is my heart]* — verso  
c. 1989, embroidery and crystals on felt, 22 x 30cm

VOILÁ MON COEUR IL VOUS APARTIEN [sic] [aqui está o meu coração ele pertente a você]

OURO DE ARTISTA É AMAR BASTANTE



Foto: Edouard Fraipont / © Projeto Leonilson

*José*  
1991, bordado sobre voile esticado em chassi de madeira, 40 x 60cm

## JOSÉ



Foto: Romulo Fialdini / © Projeto Leonilson

*O Perigoso*  
1992, tinta preta e sangue sobre papel, 30,5 x 23 cm

## O PERIGOSO

Quando visitei a primeira grande retrospectiva de Leonilson, em 1995, um fato chamou a minha atenção. Era uma tarde de novembro, e a exposição estava repleta de jovens casais. Notei que à saída eles se mostravam introspectivos, comovidos.

Caminhavam abraçadinhos, numa atitude amorosa. Quero crer que a tarefa do artista de buscar ligações ou representações para as emoções, para o viver, é entranhadamente uma atividade da saúde e do amor. Embora a exposição fosse um trajeto em direção à morte, parecia o contrário. O que se depreendia, ao ver a ternura dos jovens casais, era que aquela imersão na obra de Leonilson havia sido um resgate de vida.

\*\*\*

As variações se encerram em algum ponto que é ponto ao acaso. Não há propriamente um final, como na forma sonata e em tantas outras formas musicais. Creio que, graças aos trabalhos de Leonilson, foi possível propor uma reapresentação da alfabetização das emoções na língua dos sonhos ou da arte. É bom que nossa disciplina permaneça na obscuridade em que nascem os sonhos. A luz demasiado forte desnatura a clínica psicanalítica, nosso objeto de interesse e de devoção.

#### **Variations on the Antonino Ferro's theme: To literate emotions**

**Abstract:** In this article, I propose to analyze the progress of psychoanalysis in the light of the group movement, in society, the movement which causes the advance of knowledge. Because it is in dialogue that we expand the expressive repertoire, and like a move climbing, we increase our field of vision and we see further what we don't know. When we face questions such as: How do we learn psychoanalysis? How do we get to an author? Who talks to us in the intimate? How that one talk to us? How do we transform someone else as we get in touch with him ou her? How our heritage changes with this contact?, we find as an answer that the isolation makes us sterile, although it is also true that the otherness is unachievable. Therefore, I bring this work as a tribute to Antonino Ferro, and old participant of my inner dialogue, and also do a celebration of his work. Ferro is among those who give us this opportunity of exchange and learning. It is an author who brings us new analytical narratives. Taking as a conceptual background his idea of literate emotions and linking it to meditations that I have been developing in recent years, I will discuss aspects of the cohabitation of the tradition, the habit and the new and some of its implications in our daily practice of accepting otherness .

**Keywords:** Alpha Function; construction; oneiric elaboration; representations; dreams.

**Variaciones acerca de un tema de Antonino Ferro: Alfabetizar las emociones**

**Resumen:** En este artículo, me propongo a analizar el progreso del psicoanálisis a la luz del movimiento grupal, en la sociedad, que hace con que el conocimiento avance. Es con el diálogo que ampliamos el repertorio expresivo y, como en una subida, aumentamos nuestro campo de visión y vemos aún más precisamente lo que no conocemos. Cuando nos encontramos con preguntas tales como: ¿Qué nos enseña el psicoanálisis? ¿Cómo llegamos a un autor? ¿Quién nos habla a lo íntimo? ¿Cómo nos habla? ¿Cómo convertimos el otro al acercarnos a él? ¿Cómo nuestra herencia cambia con este contacto?, tenemos como respuesta que el aislamiento nos hace estéril, aunque se concluya también que la alteridad es inalcanzable. Por lo tanto, hago en este trabajo algo como un tributo a Antonino Ferro, antiguo participante de mis íntimos diálogos, y también una celebración de su obra. Ferro es uno de los que nos dan esta oportunidad, de intercambio y aprendizaje. Es un autor que nos trae nuevas narrativas analíticas. Tomando como base conceptual su idea de alfabetizar las emociones y la vinculación de esa idea con las reflexiones que he desarrollado en los últimos años, voy a discutir los aspectos de la cohabitación de la tradición, del hábito y del nuevo y algunas de sus implicaciones en nuestra práctica diaria de aceptación de la alteridad.

**Palabras clave:** Función Alfa; construcción; elaboración onírica; representaciones; sueños.

## Referências

- Anzieu, D. (1989). *O eu-pele* [Le moi peau]. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1995).
- Arendt, H. (1998). *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo* [The origins of totalitarianism]. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1951)
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal* [Eichmann in Jerusalem: A report on the banality of evil]. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1968).
- Benjamin, W. (1984). *Origem do drama barroco alemão* [The origin of German tragic drama]. (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1925).
- Benjamin, W. (1987). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov [The storyteller: reflections on the works of Nikolai Leskov]. In: W. Benjamin. *Walter Benjamin: obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. (S.P. Rouanet, Trad., Vol. 1.) São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1935).
- Bion, W.R. (1967a). Elementos de psicanálise [Elements of psycho-analysis]. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bion, W.R. (1967b). *Second thoughts: Selected papers on psychoanalysis*. London: William Heinemann.
- Bion, W.R. (1977). *Two papers: The grid and caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1983). *Transformações. Mudança do aprendizado ao crescimento* [Transformations]. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).
- Botella, C.; Botella, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Conrad, J. (1999). *Heart of darkness & Selections from The Congo Diary*. New York: Modern Library. (Trabalho original publicado em 1902).
- Eagleton, T. (2010). Fé e razão. Revista *Serrote*, n. 4. São Paulo: IMS.
- Ferro, A. (1997). A sexualidade como gênero narrativo, ou dialeto, na sala de análise: um vértice radical [Sexuality as a narrative genre or dialect in the consulting room: a radical vertex]. In: França M O de A (org.) *Bion em São Paulo: Ressonâncias*. São Paulo: SBPSP — Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Ferro, A. (1998a). *Na sala de análise. Emoções, relatos, transformações* [Nella stanza d'analisi. Emozioni, Racconti, Trasformazioni]. São Paulo: Imago. (Trabalho original publicado em 1996).
- Ferro, A. (1998b). *Antonino Ferro em São Paulo. Seminários*. In: França, M.O. de A., Petriccioni, M. (Orgs) São Paulo: SBPSP — Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- Ferro, A. (2009). Transformations in dreaming and characters in the psychoanalytic field. *International Journal of Psychoanalysis*. 90: pp. 209-230.
- Ferro, A. (2010). *Tormenti di anime*. Milano: Cortina.
- Ferro, A. (2011). *Evitar as emoções, viver as emoções*. Porto Alegre: Artmed.
- Ferro, A. (2015). A Response That Raises Many Questions, *Psychoanalytic Inquiry*, 35 (5), 512-525.
- Figura, S. (1996). Herring and Leonilson. Catálogo da exposição *Projects 53: Oliver Herring and Leonilson*. New York: MOMA.
- Freud, S. (1969-77). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Comentários e notas de James Strachey em colaboração com Anna Freud; assistência de Alix Strachey e Alan Tyson. Direção geral e revisão técnica de Jayme Salomão. 24 vols. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1895]. Projeto para uma psicologia científica. In: S Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1893-95]. Estudos sobre a histeria. In: S Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. In: S Freud *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 2.). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1900-01]. A interpretação dos sonhos. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vols. 5-6). Rio de Janeiro: Imago.



- Freud, S. [1901]. Sobre os sonhos. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1905a]. Fragmento da análise de um caso de histeria [O caso Dora]. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1905b]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1915-17]. Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 15). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1915]. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Parte I — Parapraxias. Introdução. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 15). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1920]. Além do princípio do prazer. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1923-25]. O ego e o id. In: S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. [1930]. Prefácio da tradução hebraica. In: *Conferências introdutórias sobre psicanálise [1916-17]*. S Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 15). Rio de Janeiro: Imago.
- Gagnebin, J. M. (1987). Prefácio. In: W. Benjamin. *Walter Benjamin: obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. (S.P. Rouanet, Trad., Vol. 1.) São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1935).
- Goldberg, S. (2015). Transference, the Interpersonal Field, and Psychological Transformation in the Work of Antonino Ferro. *Psychoanalytic Inquiry* 35(5), 494-511.
- Green, A. (1984). Le langage dans la psychanalyse. In: Green A; Diatkine R; Jabès E; Fain M; Fonagy I. *Langages: Ile Rencontres psychanalytiques d'Aix-en-Provence*. Paris: Les Belles Lettres.
- Green, A. (1988). O conceito do fronteiro. In: *Sobre a loucura pessoal [On private madness]*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1977).
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras: metapsicologia dos limites [Brazilian Lectures: Metapsychology of limits]*. Rio de Janeiro: Imago.
- Grotstein, J. (2007). *A beam of intense darkness: Wilfred Bion's legacy to psychoanalysis*. London: Karnac.
- Heidegger, M. (1977). *A origem da obra de arte [The origin of the work of art]*. Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1950).
- Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud [Sigmund Freud: Life and work, 1953-57]*. 3 v. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1975). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1932).
- Klein, M. (1991). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides [Notes on some schizoide mechanisms]. In: Klein M. *Obras completas de Melanie Klein, v. 3: Inveja e gratidão e outros trabalhos — 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1946).
- Klein, M.; Heimann P.; Isaacs S. (1969). *Os progressos da psicanálise [Developments in psycho-analysis]*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1952).
- Laplanche, J. (1989a). *Problemáticas I: a angústia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1989b). *Problemáticas III: a sublimação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lévinas, E. (1988). *Totalidade e infinito. Ensaio sobre a exterioridade [Totality and infinity. An essay on exteriority]*. Lisboa: Edições 70. (Trabalho original publicado em 1961).
- Levine, H.B. (2015). The transformational vision of Antonio Ferro. *Psychoanalytic Inquiry*. 35 (5), 451-464.
- Meltzer, D. (1973). *Estados sexuais da mente [Sexual states of mind]*. Rio de Janeiro: Imago.
- Meltzer, D. (1989). *O desenvolvimento clínico de Freud [The Kleinian Development — Part 1: Freud's Clinical Development]*. São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1968).

## Variações sobre um tema de Antonino Ferro: Alfabetizar as emoções

- Money-Kyrle, R. (1996a). *Obra selecionada* [The collected papers of Money-Kyrle]. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1978).
- Money-Kyrle, R. (1996b). Desenvolvimento cognitivo [Cognitive development]. In: Money-Kyrle R. *Obra selecionada*. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1968).
- Nosek, L. (1989). Como lemos Freud: um estilo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 23 (4), 45-56.
- Nosek, L. (1997). Psicanálise e arte: Leonilson — Uma reflexão. *Revista Ide*, Sociedade de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, n.30, 54-60.
- Nosek, L. (2009). *Body and infinite: Notes for a theory of genitality* [Corpo e infinito: Notas sobre uma teoria da genitalidade]. The 46th IPA Congress, Chicago, July 29<sup>th</sup> — August 1<sup>st</sup>. Recuperado em: <http://internationalpsychoanalysis.net/wp-content/uploads/2009/05/nosekbodyandinfiniteteipa.pdf>.
- Nosek, L. (2010). Psychoanalysis and culture, naturally [Psicanálise e cultura, naturalmente]. *International Psychoanalysis. The New Magazine of the IPA*. Vol. 18. Centenary Special Edition.
- Nosek, L. (2011). *Anxiety and allegorical narrative: Notes on the construction of meanings in analysis* [Angústia e narrativa alegórica: Notas sobre a construção de sentidos na análise]. Apresentado na terceira plenária da 24<sup>th</sup> EPF (European Psychoanalysis Federation) Annual Conference — Copenhagen, April 2011.
- Nosek, L. (2012a). O método analítico: Uma metáfora musical. Comunicação apresentada no Primer Encuentro de Psicoanalistas de Lengua Castellana: *Vigencia y Actualidad del Método Psicoanalítico*. Madrid, fevereiro de 2012.
- Nosek, L. (2012b). Nosso antropófago, Caliban! [editorial]. *Caliban - Revista Latino-Americana de Psicanálise*, 10(1). Federação Psicanalítica da América Latina.
- Nosek, L. (2013a). *The traumatic in daily life*. Apresentado em: Congresso Internacional de Psicanálise, 48; Praga, 15 jul.-26 jul., 2013). Disponível em: <[http://www.ipa.org.uk/en/Events/Past\\_Congresses/Prague/Congress\\_Papers/en/news\\_and\\_events/Congress\\_2013/Web\\_content/Congress\\_Papers\\_Query.aspx?hkey=dae8ee7e-a3f6-4d9e-b28f-379214456618](http://www.ipa.org.uk/en/Events/Past_Congresses/Prague/Congress_Papers/en/news_and_events/Congress_2013/Web_content/Congress_Papers_Query.aspx?hkey=dae8ee7e-a3f6-4d9e-b28f-379214456618)> Recuperado em: 12 mar. 2013.
- Nosek, L. (2013b). A pesquisa empírica e a especificidade da psicanálise. *Caliban — Revista Latino-Americana de Psicanálise*. Federação Psicanalítica da América Latina. [no prelo].
- Ogden, T. (1977). *Projective identification and psychotherapeutic technique*. Northvale, NJ: Jason Aronson.
- Ogden, T. (1996). *Os sujeitos da psicanálise* [Subjects of analysis]. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994).
- Reed, G. S. (1995). Visions of interpretation: Ferro's bicycle and Arlow's home movie screen. *Psychoanalytic Inquiry*. 35 (5), 465-477.
- Rocha Barros, E.M. (2000). Affect and pictographic image: the constitution of meaning in mental life. *International Journal of Psychoanalysis*. 81(6):1087-1099.
- Steiner, G. (2004). *Gramáticas da criação*. São Paulo: Globo.
- Ungar, V. (2015). Antonino Ferro and child analysis. *Psychoanalytic Inquiry*. 35 (5), 479-493.

Leopold Nosek  
Rua Baltazar da Veiga, 24  
Vila Nova Conceição  
São Paulo - SP  
04510-000  
(11) 3842-1368  
nosek@terra.com.br